

As ASSIGNATURAS são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno para a Corte e Nictheroy.

# O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem ser remetidas á rua do Príncipe dos Cajueiros n. 164 sobrado.

## Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco

### O DOMINGO

Rio, 21 de Dezembro de 1873

#### Religião

A primeira verdade que nos ensina a religião de Jesus é que somos christãos pela graça de Deus. Outra verdade é que todos as religiões que não a verdadeira são meios visíveis por que a Providencia educa a raça humana.

O que precisamos no Brazil é da verdadeira religião de Christo, é ouvir a propria verdade que Jesus-Christo nos declarou, verdade que ali está consignada nos Evangelhos, que não teme a critica a mais severa dos mais adiantados philosophos, verdade que ennobrece a individuos e a nações e que é-lhes o unico penhor de uma solida esperanza em um melhor futuro.

Sim. Importa-nos ter a verdade pura do Christianismo sem a menor mescla de paganismo.

A liberdade e a fé intelligente nas cousas da religião devem andar de mãos dadas.

Nem a fé pôde existir sem a liberdade, nem esta sem a fé. A primeira sem a segunda é a superstição, a morte da religião; e sem a fé a liberdade é o privilegio de sermos cegos ou andarmos extraviados.

Brasileira de nascimento, desejamos que os Brasileiros sejam livres; que formem um todo homogeneo e compacto, aspirando, na variedade de interesses individuaes, a um ideal alto e nobre de progresso e civilização. Mas sem a religião pura, sem que as palavras de Christo se imprimam bem no coração nacional, e alli lhes derrame aquella unção, que só ellas lhe podem communicar, é impossivel conseguir-se esta harmonia de vistas, ou ter-se um ideal que seja bastante vigoroso para sustentar o povo nos seus esforços e quedas, e no frágil caminho dos seus destinos.

A fé que não fôr uma convicção é um insulto á verdade, e a convicção que não fôr baseada em um estudo sério, sem prejuizos, e sómente com a mira de descobrir a verdade, é uma cobardia que só merece o desprezo.

A religião é a luz da intelligencia e da liberdade, e está sómente na communhão intima da alma com o verbo divino, que está consignado na Biblia, n'esta adhesão ao Evangelho de Christo, e n'este proposito firme de procurar conformar-nos com elle, a despeito de todas as nossas innumeras fraquezas e quedas.

E sem que se procure incutir no povo as verdades da religião, nada poderemos conseguir em seu favor.

E é por saber bem d'esta verdade que o povo dos Estados-Unidos tem multiplicado, ao par com as suas escolas publicas, as «escolas de domingo» onde a mocidade se instrue cabalmente da historia precedente á vinda, e da propria historia de Jesus-Christo, sua vida, suas obras, seus conselhos, consolações e promessas. E' alli que se lançam os esteios que sustentam o povo americano.

A' vista pois d'estas ligeiras e succintas considerações, somos a primeira a reconhecer que a liberdade sem a religião pura da palavra da Biblia é um monstro horroroso.

#### A instrucção publica

Do quadro censitario da provincia do Paraná, que é a mais moderna de todas as nossas provincias, vemos que em uma população de 126,722 almas, ha 94,898 analfabetos, e ainda mais que da população de 6 a 15 annos que monta a 24,808, só 4,424 frequentam as escolas.

E' um algarismo assombroso, que não diminuirá enquanto não se obrigar o menino a aprender o que a curiosidade lhe pede, enquanto não se acompanhar na criança o desenvolvimento da curiosidade com o fim de a satisfazer.

Obrigar o adolescente a estudar o que não lhe interessa, ou que não comprehende; obrigar-o a aprender o

que não lhe servirá de utilidade, é tornar-lhe quasi impraticavel o caminho que conduz aos estudos superiores universitarios, os unicos que recreiam.

O homem naturalmente é excitado por uma continua curiosidade de saber, desde que abre os olhos á luz do mundo até fechá-los.

Contrariar essa curiosidade é extinguir o desejo de saber, é obrigar o menino a aprender o que o instituidor quer que elle aprenda, é obrigar-o a odiar os livros; entretanto o livro é o melhor dos mestres, e é preferivel a este porque é docil, porque a sua palavra não foge como a palavra fallada, e é bastante fixa para ser meditada; é preferivel porque se deita a um canto quando se está cansado, e quando se quer torna-se a utilizar d'elle, sem que nunca elle se enfade.

E' mestre que está sempre ás nossas ordens, quando é preciso estar-se ás ordens do professor.

Nas nossas escolas deixa-se de aprender o que é util para mal aprender o que é inutil, fazendo-se assim detestar os livros a quem deve estudar; para encher de pretensões a sabios a quem é ainda ignorante.

Em um menor ha em primeiro lugar a educação physica a fazer-se, durante a menenice, que é do dever paterno e materno, e em segundo lugar ha a educação intellectual e moral, de que pode ser exonerada a paternidade, cabendo a sua tutela ao Estado, que deve vigiar os pedagogos.

A educação da moridade deve, em nossa opinião, tocar ao Estado, porque todo o cidadão tem o direito de ser tratado pela mãe patria como o melhor de seus queridos.

A sociedade depende da instrucção publica tanto quanto a religião depende da propagação da fé. Uma instituição que rege os destinos da sociedade não pode ser entregue unicamente aos cuidados privados.

Eis porque ella deve ser á custa e sob a inspecção do Estado.

O Estado tendo estabelecido escolas para os meninos tem o direito de compellir os pais a usarem dellas ou a darem a razão porque o não fazem. Este principio está sendo hoje universalmente admittido.

A instrucção obrigatoria não é repugnante aos principios liberaes: não são estes que a combatem, mas os retrogradados; e os pruzes adiantados da Europa tiveram e têm muita fé no ensino obrigatorio.

Na Inglaterra foi este assumpto um dos que em primeiro lugar se occupou o novo conselho de instrucção publica de Londres, organizado segundo a recente lei da educação popular. Este conselho compo-se de senhoras, de membros do parlamento, de artistas e de ministros de diferentes religiões, os quaes todos concordam que ha uma necessidade absoluta de se obrigar a frequentar as escolas aquelles meninos que se não quizerem convencer voluntariamente das vantagens de uma educação litteraria.

Nas nossas escolas deixa-se de aprender o que é util para mal aprender o que é inutil, fazendo-se assim detestar os livros a quem deve estudar, para encher de pretensões a sabios a quem é ainda ignorante.

Nos Estados Unidos as escolas publicas são a gloria do paiz. E'ahi que os filhos de todas as classes se reúnem e adquirem aquelles conhecimentos elementares que os habilitam depois a serem cidadãos prestaveis e bons chefes de familias; é ali que não prodiga se mostra a mão nacional que nem as melhores escolas particulares podem

competir na variedade e excellencia dos meios que ellas offerecem á puericia e á mocidade de estabelecerem os alicerces solidos daquella cultura que os hade nobilitar depois como homens.

A instrucção publica, e os aconchegos materiaes refinam os costumes e elevam o padrão da moralidade dos povos; e as escolas dão ao futuro cidadão os meios e os elementos com que elle deve procurar depois instruir-se nos deveres de cidadão e de homem: e enquanto o menino não assume esta responsabilidade é dever da sociedade dar-lhe tambem os meios elementares de todos os deveres, e começar a cultivar o seu espirito.

A instrucção publica deve, pois, ser obrigatorio.

Não se deve deixar ao menino ou ao adolescente a liberdade de ser ignorante, e de ser inferior aos outros homaens intellectual e moralmente. E se apesar d'isso alguem se recusar de aproveitar a instrucção, mais tarde se queixará sómente de si, pela sua inferioridade na sociedade. Aquelle que precisa que outro lhe faça suas contas, ou lhe escreva e leia a sua correspondencia, deve ser perpetuamente menor. E' um homem de intelligencia incompleta, que para seu complemento precisa da intelligencia de outro.

## Escola do povo

Recebemos com subido prazer dous folhetos, com que nos mimoseou a *Escola do Povo*, e oxalá que saibamos agradecer com devido merito o interesse em que por nós, mulheres, pronuncia o muito illustrado Sr. Dr. Miguel Vieira Ferreira.

## LITTERATURA

### FRANCESCA

Por Stéphen de la Madalaine

#### CAPITULO II

##### Conclusão

Finalizando-se a primeira parte da opera, a mãe de Izabel approxinou-se do grupo das pessoas que vinham tomar fresco e que conversavam entre si sobre a opera e os cantores.

Fallavam com admiracão do tenor, do baixo e de outros artistas que davam boas esperanças; mas as honras da noite eram para a bella *prima dona* Francesca. O enthusiasmo das testemunhas do seu triumpho era illimido, e esperavam com duplicado prazer ouvirem o segundo acto.

A pobre mulher que com lagrimas nos olhos sentia amargamente não poder assistir a todas essas maravilhas, ouviu o porteiro annunciar, segundo o costume das representações ordinarias, que alguns lugares estavam por alugar para o resto da noite, com a sabida de algumas pessoas; sem reflectir na sua resolução repentina a mulher estendeu a mão para o distribuidor, e d'ahi a um instante estava na bella sala do theatro resplandecente de luzes e toilettes, e o seu trajar excitou a admiracão de seus visinhos, que duvidavam do seu bom senso.

Fosse o que fosse, logo que o orchestra deu signal da sua introdução, cessaram todas as conversações; levantou-se o panno e o silencio foi solemne.

Appareceu a *prima dona* no meio de uma chuva de applausos, e em quanto a sala inteira prodigalisava á cantora o mais infrene enthusiasmo, a boa mulher levantou-se como se quizesse atirar-se na scena, mas cahio sem sentidos no seu lugar.

As pessoas que lhe estavam proximas, espantados d'este acto de loucura e compadecidos da enfermidade presumida da pobre mulher, reuniram todos os esforços para transportarem na fóra da sala, e ella poder tomar ar; mas ella, apesar do seu estado de fraqueza, comprehendeu a sua intenção, e debatia-se nos braços d'elles. A attenção do publico foi perturbada, e o espectáculo ficou por instantes suspenso.

— Deixem-me, murmurou a pretendida louca, logo que pôde fallar; Deixem-me, por Deus, meus bons senhores, ! é minha filha, dizia ella, estendendo os braços para Francesca, que tambem por um movimento involuntario, imitou o gesto de sua mãe que reconheceu. Por este espectáculo tão tocante, a sala retinio de applausos, que pareciam repetidos pelas paredes da casa, disse o historiographo Doni, a quem consultamos escrevendo esta noticia.

P. S. Izabel que continuou a ter o nome de Francesca que a tornou celebre pelo seu triplice talento de cantora, poetisa e compositora, não era nada menos que a filha do sabio mestre Julio Caccini, um dos pais da musica dramatica.

Este musico, cujas obras e descobertas só foram apreciadas no seu justo valor pela posteridade que se aproveitou d'ellas, era romano de nascimento; passou quasi toda a sua vida em Florença, na sociedade do illustre Galileu de quem foi mestre e amigo.

Viveu e morreu pobre; mas sua filha enriquecida pelos louvores da Italia, apresentou o primeiro exemplo de uma grande fortuna, devido ao grande talento da execução musical e scenica.

FIM

(Versão do italiano).

## Biographia de mulheres celebres

AISSÉ (Mlle.) Circassiana celebre pela sua belleza. Nasceu em 1691 e morreu em 1733. Tendo sido comprada pelo conde de Ferriol, embaixador de França em Constantinopla, no bazar das escravas, tendo então apenas quatro annos de idade, foi por este conduzida a França, onde recebeu a mais brilhante educação ao mesmo tempo que os exemplos da mais crassa corrupção.

Profanada por aquelle que sempre considerara como um pai, no seio de uma sociedade depravada, teve no entanto bastante coragem para resistir ás offeras do regente; e se, succumbiu ao cavalheiro d'Aydie, foi arrastada pela mais violenta paixão que por este concebeu, e a quem amou até ao fim de seus dias. D'elle teve uma filha, que foi educada sob o nome de miss Block e que se casou com um fidalgo de Périgord.

Desgostos que teve fizeram-n'a romper esta alliança, e succumbiu na idade apenas de 38 annos. Deixou-nos Mlle. Aissé a sua correspondencia, que contém anedotas interessantes sobre a côrte e alguns dos illustres personagens d'aquelle tempo.

Sem ser modelo d'estylo, nem sempre conveniente nos seus escriptos, as suas cartas agradaram, no entanto pela sua originalidade.

Foram publicadas a primeira vez em 1787, e depois reimpressas diversas vezes; porém a melhor edição é a de *Ravenell*, com uma biographia por Sainte-Beuve (Pariz 1846-cn 12).

ALBONI (Marieta) cantora italiana, nascida em Cesena em 1823. Tendo aprendido a canto em Bolonha, com Mme. Bertolletti, estreou na idade de 16 annos nessa mesma cidade e obteve um successo extraordinario. Cantou depois successivamente em Parma, Vienna, São Petersburgo, na Bohemia, na Hungria, e em todas estas viagens a sua reputação tomou sempre maior incremento. Em Londres igualou a reputação da celebre Jenny Kind que era então a delicia dos espectadores d'aquella immensa metropole.

Foi em Outubro de 1847, que pela primeira vez se fez ouvir em Pariz, e obteve então a coroação da sua celebridade como cantora. Recentemente casou-se com o conde Pépoli.

A voz de Marieta Alboni, hoje condessa Pépoli, é de mello soprano, de uma belleza maravilhosa pela sua extensão, e sua força. E' só ás suas qualidades organicas que ella deve a fama que teve, pois como cantora dramatica notava-se-lhe falta de gestos e de vida nos papeis de que se encarregou.

ALCANFORADA (Marianna) religiosa portugueza do XVII seculo. Parecia destinada a viver e a morrer desconhecida no convento das freiras de Béja, quando concebeu a paixão a mais violenta por um jovem official francez chamado Chamilly. Estabeleceu-se entre elles uma correspondencia, e foram as cartas que ella escrevera a seu amante que immortalisaram o seu nome.

Essas cartas em numero de cinco sómente são notaveis pela expressão do mais extremoso amor. Aquelle a quem eram dirigidas, fê-las traduzir em francez por Sublegny e publicou-as em Pariz sob o nome de *Cartas Portuguezas*.

Estas cartas foram por diversas vezes reimpressas; porém a maior parte das edições contém mais outras sete cartas que são apocryphas, como o demonstrou o historiadour Souza, na sua edição publicada em Pariz em 1824.



## PARTE RECREATIVA

### Salada de palavras

Prefiro a *alienação* de meus bens a uma alienação mental.

Prefiro casar-me com uma mulher baixa do que com uma alta, porque dos males... o menor.

Ha entre os pharmaceuticos muitos poltrões: no entanto conheço alguns *d'ether-minados*.

Quem abusar do *liquido* não fica muito tempo *solido*.  
Prefiro o ar *scenico* ao *arsenico*.

A roupa que me faz o alfaiate é mais *justa* do que as suas contas.

O *monte* do soccorro é o contrario dos outros *montes*: sempre facil para subir, porém terrivel para descer.

O sol quando luz é para todos, excepto para aquelles que *estão a sombra*. Veio-me isto a idéa visitando a casa de detenção.

### A cadeira magica

Lê-se na *Revista de Paris*, que Christiano IV, rei de Dinamarca, tinha imaginado um meio singular de subtrahir-se ás visitas dos importunos.

Era uma cadeira de braços preza a uma roldana, e que do primeiro andar descia para o que ficava ao nível do terreno.

Quando sentia passos, sentava-se na cadeira, que logo corria para baixo; um alçapão fechava o lugar da descida; os importunos entravam ninguem se achava; o rei estava no jardim.

### Cá e lá más fadas ha

Lê-se nos *Petites Affiches*, de 12 de Novembro:

« Um moço de 21 annos, suiso, que falla o Francez e o allemão, e dá as melhores referencias sobre sua conducta, deseja *ficar-se* para viajar.

O coração do insensato está nos labios; a lingua do homem de juizo no coração.

Dous terços da existencia humana consomem-se na hesitação e o ultimo no arrependimento.

A vida é semelhante a uma prisão.

Uma jovem casta e pura, tem o encanto que achamos no papel limpo.

O talento não deve ser mais do que o aperfeiçoamento moral.

### Charadas

A minha prima por si só,  
E' um verbo auxiliar . . . 1  
Da seifa, lá pelo campo  
Vás a segunda encontrar. . . 1

Mas, não chames pelo gato  
Para a terceira formar;  
Desse bicho, a metade  
De certo deves tirar . . . 1

#### CONCEITO

Rodeada pelo mar  
Eu ostento magestade;  
Ousão também procurar  
Meu clima p'ra salubridade.

A prima por si é secca. . . 2  
Segunda, na musica 'stá. . . 1  
O meu todo, lá no circo,  
Só partes eu faço lá.

Estou no navio, . . . 1  
A um mastro ligada . . . 2  
E, pugna e recreio  
Sou mui festejada.

A minha primeira e segunda  
Faz a tertia e derradeira,  
E ellas todas, apos juntas,  
Fazem terra brasileira.

A decifração das charadas do numero antecedente é :  
1ª — Parella — a 2ª — Bolacha — a 3ª — Caçador — a 4ª — Leopardo — e a 5ª — Pau-ferro.

Typ. da—Lyra de Apollo—rua da Alfandega 185